



Entre Idas, Vindas e Nós

William Teixeira Alves

 Pedro & João
editores

Entre Idas, Vindas e Nós



William Teixeira Alves

Entre Idas, Vindas e Nós



Copyright © William Teixeira Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

William Teixeira Alves

Entre Idas, Vindas e Nós. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 88p.
14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-2012-3 [Impresso]
978-65-265-2042-0 [Digital]

1. Amor. 2. Desejo. 3. Medo. 4. Coragem. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Dedicatória

Para você,
que foi — e talvez sempre será — o grande
amor da minha vida.

Escrevo estas páginas com a alma aberta e os
olhos marejados, não para te prender em
palavras, mas para eternizar o que fomos, o
que quase fomos, o que eu, no mais profundo
de mim, ainda espero que possamos ser.

Esta é a nossa história, bordada com sonhos,
silêncios, risos e lágrimas.

Mesmo sem a certeza dos finais felizes,
guardo em mim o que há de mais bonito: a
esperança teimosa de que o amor, quando é
verdadeiro, nunca se perde.

Ele apenas espera — paciente, inteiro e sereno
— pelo dia em que dois corações decidam se
encontrar, sem medo.

Se um dia você ler estas linhas, saiba:
eu amei, amo e amarei...
sempre.

Agradecimento

À minha mãe, minha inspiração primeira, minha eterna incentivadora.

Tudo o que sou e tudo o que amo nasce do amor que você me dedicou, da força silenciosa que você sempre me ensinou a cultivar.

Foi você quem plantou em mim o amor pelos estudos, a sede de conhecimento e a coragem de ser inteiro em tudo o que faço.

Este livro é um pedaço do que você sonhou para mim – e é, também, um presente que eu entrego ao mundo em sua honra.

Cada linha escrita, cada sentimento transbordado, tem seu nome bordado em silêncio e gratidão.

E à Ana Arouca, por ter aceitado, com generosidade e carinho, ler esta obra ainda germinando e oferecer seu olhar sensível e acolhedor no prefácio.

Sua presença e suas palavras deram ainda mais vida ao que aqui foi escrito com tanto amor.

Obrigado por acreditar, por apoiar e por fazer parte desta história de tantas idas, vindas e nós.

Com todo o amor e gratidão,
William Alves

Prefácio

Prezado leitor(a):

Conheço o William há alguns anos (*melhor nem pensar em quantos!*). Não me lembro exatamente quando isso aconteceu, mas sei, com certeza, que ele é uma pessoa muito especial na minha vida – um amigo que sempre me anima com histórias e conversas divertidas. Professor transformador e palestrante brilhante, ele demonstra, com competência, a seriedade com a qual exerce seu trabalho. Esse é o William, cuja amizade é motivo de alegria para mim.

Senti-me muito honrada ao receber o convite para prefaciar *Entre Idas, Vindas e Nós*. Ao ler o texto, inspirado em uma história real de sua vida, percebi imediatamente a “presença” do autor. A linguagem emotiva e poética revela reflexões sobre o amor, as perdas, os desencontros e os reencontros que, de alguma forma, todos nós já vivenciamos. Com uma leitura fluida e envolvente, as palavras prendem o leitor e nos conectam aos personagens, por retratarem situações reais que, como dizia Nelson Rodrigues, mostram a “vida como ela é”.

Ao abordar temas universais como o amor, suas incertezas e a capacidade de recomeçar, o romance nos faz torcer pelo (re)encontro de Wesley e Roger, e por um “felizes para sempre”.

O afeto, quando sincero, atravessa o tempo e permanece, mesmo que guardado em algum “cantinho” do coração.

E você, leitor(a), espero que se envolva e se emocione com essa história e que, ao final da leitura, se pergunte: *Quem nunca viveu suas próprias idas e vindas no amor, não é mesmo?*

Boa leitura!
Com carinho,

Ana Arouca

Sumário

Carta Apresentação	13
Capítulo 1 – O som que acordou o coração	15
Capítulo 2 – Pudim e Desculpas.....	19
Capítulo 3 – Filme, risos e a primeira faísca	25
Capítulo 4 – Uma amizade (e um amor) que cresce	31
Capítulo 5 – A festa surpresa e o coração partido	35
Capítulo 6 – Entre saudades e silêncios.....	39
Capítulo 7 – A separação de Letícia e o início (conturbado) de um novo "nós"	45
Capítulo 8 – A traição silenciosa	51
Capítulo 9 – A chama que nunca apagou	57
Capítulo 10 – O medo de amar e a queda que muda destinos	61
Capítulo 11 – Um amor que renasce das cinzas	67
Capítulo 12 – Reaprendendo a caminhar juntos	73
Capítulo 13 – Amor é quando a alma reconhece o lar..	79
Capítulo 14 – Quando o amor vence o medo	83

Carta apresentação

Estimado leitor, estimada leitora,

Permita-me começar esta jornada com uma carta — não porque toda a obra esteja escrita assim, mas porque acredito que uma carta carrega algo que desejo muito para esta leitura: um convite ao diálogo. Uma carta se abre para o outro, fala com afeto, escuta em silêncio. E é exatamente isso que espero desta história: que ela fale com você... e que você também fale com ela, com seus sentimentos, memórias e afetos.

Esta obra nasceu entrelaçada com a minha própria vida. É feita de lembranças, de dores, de amores e de sonhos — alguns vividos, outros apenas imaginados, mas todos verdadeiros dentro de mim. O que você tem nas mãos não é apenas ficção, tampouco um relato biográfico. É um entremeado de realidade e invenção, costurado com fios de emoção. Um texto escrito entre o passado que me formou, o presente que me transforma e o futuro que ainda espero.

E por falar em entrelaçar, quero compartilhar com você o sentido por trás do título: “Entre idas, vindas e nós.” Ele carrega uma ambiguidade que é o coração desta obra. Fala dos nós que a vida dá — aqueles que prendem, que apertam, que por vezes machucam, mas que também podem ser laços, vínculos, abraços. Mas fala também de nós, no plural de gente: dos encontros, dos afetos

partilhados, das construções possíveis quando dois (ou mais) escolhem caminhar juntos, mesmo em meio às incertezas da vida.

Ao fim de cada capítulo, você encontrará um pequeno espaço chamado "Entre Nós". É um momento íntimo, em que me aproximo de você para partilhar uma reflexão mais pessoal, lançar uma pergunta, provocar uma lembrança ou simplesmente convidá-lo a revisitar sua própria história. Esse espaço é o nosso diálogo mais direto — de mim para você, com afeto e verdade.

Não vou te dar spoilers, claro. Mas posso prometer que nesta história há encontros que marcam, silêncios que dizem muito, amores que desafiam o medo e coragens que nascem quando menos se espera. Se você se permitir, talvez encontre partes de si espalhadas pelas páginas.

Então, venha.

Leia com o coração atento.

Deixe que estas idas, vindas e nós toquem sua pele, suas memórias, suas esperanças.

E que ao fim, ou durante o caminho, você também descubra algo sobre o que é amar — e sobre o que é viver.

Com carinho,

William Teixeira Alves

Capítulo 1 — O som que acordou o coração

O fim de tarde tingia o céu de dourado e rosa em Barra Funda, mas para Wesley a beleza da cena parecia passar em preto e branco. Ele caminhava pela rua principal com as mãos nos bolsos, os ombros curvados e o coração ainda carregado das marcas de um amor que prometeu ser eterno... e não foi.

O término com Henrique, meses antes, tinha deixado em Wesley não apenas feridas, mas também uma descrença silenciosa de que algo novo pudesse florescer.

Ainda assim, a amiga Alba, incansável em suas tentativas de colorir os dias de Wesley, insistiu:

— Você precisa sair, Wes! Vamos dar uma volta, ver gente bonita. Vai fazer bem.

Ele sorriu, sem muita convicção, aceitando como quem aceita um remédio amargo.

O destino? Uma nova loja de roupas, inaugurada no coração da cidade. Segundo Alba, a inauguração era um evento e tanto: desconto, música ambiente, e — segundo rumores — o dono era um espetáculo.

Ao empurrarem a porta de vidro, um sino delicado tilintou no alto, anunciando a chegada dos dois. O cheiro de roupas novas, misturado ao leve aroma de café vindo de uma cafeteira no fundo, invadiu as narinas de Wesley.

Foi então que ele o viu.

Atrás do balcão, organizando algumas camisetas dobradas com cuidado, estava Roger.

Os cabelos castanhos desgrenhados de forma natural, a barba bem aparada, a camiseta preta justa nos ombros largos... mas nada disso foi o que mais chamou a atenção de Wesley.

Foi o sorriso. Um sorriso que parecia uma casa aberta, pronta para acolher quem chegasse.

— Boa tarde, queridos — disse Roger, com uma voz que parecia feita de algodão e vento morno.

Wesley sentiu o coração tropeçar dentro do peito. Fazia meses que não sentia nada parecido — aquela fagulha tímida, aquele calor por trás das costelas.

A amiga Alba, sempre atenta, lançou-lhe um olhar divertido, percebendo o rubor subindo pelas bochechas de Wesley.

— Viemos conhecer o espaço. Está lindo! — elogiou Alba, puxando conversa.

Roger sorriu, agradecendo, e começou a mostrar algumas peças novas, explicando sobre as marcas, os tecidos. Wesley pouco ouviu. Seus olhos se fixaram nos gestos de Roger, no jeito como ele franzia a testa enquanto falava de algo que amava, na doçura espontânea de cada palavra.

Ele respondeu mecanicamente às perguntas de Alba e Roger, tentando disfarçar a súbita vulnerabilidade que o invadia.

Antes de irem embora, Roger, num gesto simples mas cheio de impacto, desejou:

— Voltem sempre, queridos. A casa é de vocês.

Foi nesse instante que Wesley sentiu. Os sinos não haviam tocado apenas na porta.

Tinham soado dentro dele, chamando de volta algo que há muito estava adormecido.



Ei, você que me lê agora... já sentiu seu coração acordar depois de muito tempo dormindo? Já experimentou aquele susto bom, quase um tropeço por dentro, quando alguém chega e acende luzes onde antes havia só silêncio e

sombra? Foi isso que aconteceu comigo.

Ao escrever esse capítulo, voltei àquela sensação exata: o frio na barriga que me pegou de surpresa, o cheiro do café, o som suave do sino na porta — mas, principalmente, aquele sorriso. Um sorriso capaz de quebrar os muros que eu mesmo levantei para não sofrer de novo.

E aqui, preciso te contar uma coisa: a loja que descrevi não era de roupas. Fiz essa adaptação com carinho, para me preservar e também preservar os outros envolvidos nessa história. Mas a essência ficou. Porque o que importa não é o que estava nas prateleiras, e sim o que estava no ar. O ambiente, o encontro, o gesto, a

maneira como tudo me atravessou. Aquilo foi real. E foi profundo.

Depois de um amor que me partiu em mais pedaços do que pude contar, eu não esperava mais nada. Me convenci de que era melhor não esperar, não abrir brechas, não me deixar tocar. Mas como canta Milton Nascimento em "Cais": "Se um dia eu pudesse ver meu passado inteiro / e fizesse parar de chover nos primeiros erros..."

Talvez fosse isso: eu não queria mais chuva, não queria mais erro. Mas naquele dia, ali, de frente para o Roger, eu entendi que o coração da gente pode dormir, mas não morre. Ele só precisa de um motivo verdadeiro para despertar.

Foi bonito perceber que ainda havia som em mim. Que o sino não tocou só na loja, mas dentro de mim. E, mesmo sem saber o que viria depois, eu saí dali com algo diferente: esperança. Porque o amor, às vezes, começa mesmo é com um sorriso. E com coragem para não fugir quando ele chega.

Você já ouviu seu coração despertar assim?

Capítulo 2 — Pudim e Desculpas

Os dias seguintes pareceram correr e se arrastar ao mesmo tempo para Wesley. Por um lado, o tempo parecia veloz demais, levando embora o calor da breve troca de olhares com Roger. Por outro, as horas em sua rotina monótona de professor de literatura se estendiam como uma estrada poeirenta, sem nenhuma nova curva no horizonte.

A imagem do sorriso de Roger, no entanto, resistia. Era como um sol particular que teimava em brilhar em sua memória, iluminando seus pensamentos mais sombrios.

— Você vai lá de novo, né? — provocou Alba, certa manhã, ao vê-lo colocando uma camisa melhor para sair.

Wesley fingiu não ouvir. Mas sim, era verdade: ele inventava desculpas para ir até a loja.

Ora para "comprar uma camisa básica", ora para "ver uma jaqueta que não teve tempo de experimentar". Era patético, ele sabia. Mas não conseguia evitar.

E Roger? Sempre sorridente, sempre gentil. Atendia Wesley com a mesma cortesia com que atendia todos. Nenhum gesto especial, nenhum olhar mais demorado — nada que permitisse a Wesley alimentar esperanças reais.

Foi então que Wesley teve uma ideia. Num tarde de sábado, depois de passar horas preparando um pudim de

leite condensado — um dos poucos pratos que realmente sabia fazer —, ele se perguntou:

"E se eu levar para ele? Só como um gesto simpático. Uma gentileza."

A desculpa era boba, mas foi suficiente para que Wesley, com o coração disparado, caminhasse até a loja equilibrando a pequena marmita com o pudim.

Ao chegar, encontrou Roger organizando um mostruário na vitrine.

O sino tilintou e Roger virou-se, sorrindo.

— Wesley! Que surpresa boa!

Wesley gaguejou:

— Eu... eu fiz um pudim e... pensei que talvez você gostasse. Se não gostar, tudo bem, tá? Eu... eu só...

Roger riu, aquela risada limpa e sincera que Wesley já começava a reconhecer.

— Pudim? Cara, você me ganhou! — brincou, recebendo a marmita como se ela fosse um troféu precioso. — Quem recusa um pudim?

Wesley relaxou um pouco. Conversaram mais alguns minutos sobre a receita, sobre comida em geral.

Roger contou que morava sozinho, mas que sua mãe, Lurdinha, vivia lhe mandando congelados para garantir que ele "não morresse de fome".

Antes de ir embora, Wesley, num impulso quase adolescente, soltou:

— Se um dia quiser, a gente podia assistir a um filme... sei lá, jogar conversa fora.

Roger pareceu surpreso. Piscou algumas vezes, como se processasse o convite. Depois, coçou a nuca, meio sem jeito.

— Poxa... valeu mesmo, Wesley. De verdade. Mas agora estou meio na correria com a loja e tal...

Wesley sorriu, tentando disfarçar a picada dolorida da rejeição.

— Claro, imagino. Sem problemas — disse, com um entusiasmo falso, rápido demais.

Saiu da loja com o peito apertado, como quem assiste a uma porta se fechando devagar, mas de forma definitiva. Achou que era o fim.

Achou que seria mais uma história silenciosa, daquelas que morrem antes mesmo de nascer. Mas o destino, esse contador de histórias caprichoso, ainda tinha outros planos para ele e para Roger.

Duas semanas depois, numa noite chuvosa e tediosa, Wesley estava deitado no sofá, rolando sem atenção o feed de sua rede social, quando viu a notificação:

"Mensagem de Roger." O coração disparou.

Wesley sentou-se, enxugou as mãos suadas na calça e abriu a mensagem.

Roger:

"Oi, Wesley. Aquela ideia do filme ainda tá de pé?"

O mundo de Wesley virou luzes piscando, fogos de artifício silenciosos. O sorriso se espalhou pelo seu rosto como uma onda quente.

Com os dedos tremendo um pouco, ele respondeu:

"Claro! Quando quiser. Tá convidado."

A resposta veio quase imediata:

"Que tal amanhã? Depois do meu expediente?"

Wesley demorou alguns segundos para acreditar. Fechou os olhos, respirou fundo e, pela primeira vez em muito tempo, sentiu uma esperança verdadeira borbulhar dentro dele.

Amanhã.

Finalmente.

Roger iria à sua casa.

E talvez... só talvez... uma nova história pudesse, enfim, começar.



Escrevo estas linhas com o coração ainda pulsando pelo que vivi ao registrar esse capítulo da minha própria história. Porque sim, cada palavra, cada gesto, cada silêncio entre linhas é parte do que senti, vivi e ainda estou

aprendendo a compreender.

O segundo capítulo, "Pudim e Desculpas", nasceu num daqueles dias em que a memória aperta o peito e a saudade caminha lado a lado com a esperança. Relembrar aquele gesto simples — preparar um pudim, pensar nos detalhes, ensaiar as palavras — foi, para mim, como revisitar um lugar sagrado da minha própria coragem. Eu não levei apenas uma sobremesa; levei um pedaço meu.

Um afeto. Uma pergunta muda: “Será que ainda posso ser bem-vindo no coração de alguém?”

E ele aceitou. Com leveza, com sorriso, com generosidade. Não foi rejeição. Foi acolhimento. E isso, confesso, me fez chorar enquanto escrevia. Porque nem sempre a vida responde com doçura — mas, naquele dia, respondeu. E isso já foi tanto.

Lembrei da música “Tocando em Frente”, de Almir Sater, quando diz:

"Ando devagar porque já tive pressa... Levo esse sorriso, porque já chorei demais."

Esses versos traduzem meu processo de escrever esse capítulo — um misto de passado que ainda dói e futuro que começa a sorrir de novo. Ao colocar tudo no papel, senti que estava, de algum modo, cuidando das minhas próprias feridas com ternura.

E quando a mensagem chegou — aquela, inesperada, perguntando se a ideia do filme ainda estava de pé — eu revivi o arrepio daquele instante. Era como se o universo dissesse: "Ainda há espaço para novas histórias, mesmo quando você acha que a sua já se fechou."

Compartilhar isso não foi fácil. Mas foi necessário. Porque, se tem algo que aprendi, é que toda vez que oferecemos um pedaço verdadeiro de nós, mesmo tremendo por dentro, a vida nos devolve um pouco de luz.

Obrigado por ler com o coração.

E você... também já teve que ser forte para oferecer algo seu, mesmo sem saber se seria bem recebido?

Capítulo 3 — Filme, risos e a primeira faísca

O dia amanheceu como um suspiro contido na garganta de Wesley. Ele acordou antes do despertador, os olhos arregalados, o estômago revirando em expectativa.

Era só um encontro de amigos — ele se repetia mentalmente —, mas por dentro, o coração batia como tambores em dia de festa.

Passou o dia limpando a casa como se fosse receber um chefe de estado. Trocou a roupa de cama, acendeu velas aromáticas, separou uma seleção de filmes que ia de clássicos leves até comédias românticas. Não queria parecer forçado, mas também queria criar a atmosfera perfeita.

Às sete e meia da noite, Roger mandou uma mensagem:

"Saindo da loja agora. Em 20 minutos tô aí."

Wesley respondeu rapidamente:

"Te espero. Fica à vontade!"

Ele se olhou no espelho: optou por uma camiseta básica azul marinho, jeans confortável e um perfume discreto.

Nada de exageros. Queria parecer... natural. Queria ser ele mesmo.

Quando a campainha finalmente tocou, Wesley quase deixou o coração cair no chão. Abriu a porta e encontrou Roger com uma mochila jogada no ombro, o

cabelo ainda levemente bagunçado pela chuva fina que caía.

— Trouxe pipoca — disse Roger, erguendo o pacote com um sorriso.

Wesley deu espaço para que ele entrasse, sentindo a presença de Roger preencher a casa de um jeito inexplicável.

— Boa escolha — respondeu Wesley, tentando soar casual.

Foram direto para a sala. Wesley havia montado um ninho de almofadas e cobertores no chão, em frente à televisão.

— Caraca, que produção! — Roger brincou, rindo.

Wesley encolheu os ombros, meio envergonhado:

— Achei que seria mais confortável assim.

Escolheram juntos o filme: uma comédia leve, cheia de piadas bobas e personagens exagerados. Era o tipo de filme perfeito para quebrar o gelo.

Durante a sessão, eles riram alto várias vezes.

Houve momentos em que Roger, sem perceber, batia a mão na perna de Wesley ao gargalhar, num gesto natural, sem malícia — mas que para Wesley era como um toque elétrico, um arrepio silencioso que percorria toda a espinha.

A certa altura, já no meio do segundo filme, Roger puxou o cobertor e jogou sobre os dois, sem cerimônia.

— Tá frio, né? — disse.

Wesley apenas assentiu, com medo de que a voz saísse trêmula.

Agora estavam ali, lado a lado, os corpos próximos o suficiente para que Wesley pudesse sentir o perfume suave de Roger, algo entre madeira e hortelã.

Não houve declarações. Não houve insinuações. Mas houve algo. Algo no silêncio confortável entre eles. Algo nos sorrisos compartilhados. Algo no modo como, sem perceber, as pernas se tocavam de vez em quando. Um fio invisível começava a ser tecido entre os dois, lento e seguro.

Quando o relógio marcou quase duas da manhã, Roger bocejou.

— Cara, adorei. Fazia tempo que eu não ria assim — disse, se levantando, esticando o corpo.

— A casa tá sempre aberta — respondeu Wesley, de forma simples, mas com o coração na boca.

Na porta, antes de sair, Roger virou-se e sorriu:

— Valeu, Wesley. De verdade. Você é diferente.

Wesley ficou olhando enquanto ele descia a rua, até desaparecer na esquina. Fechou a porta, encostou-se nela, e deixou o sorriso transbordar.

Era só amizade. Ele sabia. Mas, pela primeira vez em muito tempo, sentia que talvez, só talvez, algo ainda mais bonito pudesse brotar dali.



Entre idas e vindas, era o primeiro nó que se formava entre eles.

Escrever o capítulo 3 foi como abrir uma gaveta cheia de lembranças que ainda têm cheiro, som e emoção. Cada palavra, cada gesto descrito ali não é

apenas ficção — é memória, é verdade sussurrada em forma de literatura. Wesley sou eu. E naquele encontro com Roger, naquela sala arrumada com tanto cuidado, naquele cobertor dividido quase sem querer... há mais de mim do que talvez eu mesmo consiga admitir em voz alta. Quando descrevi o coração acelerado antes da chegada dele, eu me lembrei de como é viver aquele tipo de ansiedade boa, quase infantil, que a gente sente quando tem esperança. Sim, esperança. Esperança de ser visto, de ser acolhido, de talvez — quem sabe — ser amado. E o mais bonito disso tudo é que não houve grandes declarações. Houve silêncios que falaram por si. Houve um filme, risos sinceros, toques despreziosos que acenderam em mim aquela centelha de algo novo.

Enquanto escrevia, me vinha à mente o trecho da música “Sampa”, do imenso Caetano Veloso: “É que Narciso acha feio o que não é espelho... e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho.” Talvez por muito tempo eu tenha tentado me encaixar em formas que não me cabiam. Mas, ali, com Roger, eu estava sendo

simplesmente eu. E ser eu, pela primeira vez em muito tempo, parecia suficiente.

Esse capítulo é uma fresta de luz entrando pelas minhas janelas emocionais. Uma lembrança de que o amor, ou qualquer coisa parecida com ele, pode começar em algo tão simples quanto um pacote de pipoca e um cobertor. Foi o primeiro nó entre nós dois — talvez de amizade, talvez de afeto, talvez de amor. E foi bonito, porque foi verdadeiro.

Eu escrevi este livro, sim. Mas em muitos momentos, senti que ele também me escreveu.

Capítulo 4 — Uma amizade (e um amor) que cresce

Depois daquela noite de filmes e risadas, uma nova rotina começou a se formar entre Wesley e Roger — tão sutil que parecia ter sempre existido. Não passavam mais do que dois dias sem que se falassem.

Roger surgia, despreocupado, na escola onde Wesley dava aulas, com alguma desculpa: "Passei para te trazer aquele livro que você comentou", ou "Esqueci um carregador na tua casa?".

Wesley, por sua vez, inventava motivos para aparecer na loja de roupas, sempre com um sorriso tímido e um pedaço de bolo, pudim ou alguma outra receita que testava só para ter uma desculpa para vê-lo.

O carinho crescia de um jeito silencioso, mas avassalador. Não havia beijos, nem juras. Apenas presenças.

Os domingos viraram quase sagrados.

Jogavam videogame, maratonavam séries, riam até o estômago doer.

Em alguns momentos, Wesley observava Roger distraído — arrumando a barba, mexendo no celular, rindo de algo bobo — e sentia o coração apertar num misto de desejo e medo.

Era amor. Claro que era.

Mas Wesley também sabia que amor, quando não é correspondido, pode machucar mais do que cicatrizar. Mesmo assim, arriscou.

Decidiu mergulhar na amizade, ainda que por dentro o coração clamasse por algo mais.

Em uma tarde de sábado, Wesley foi surpreendido por Roger:

— Ei, minha mãe e minha avó querem te conhecer. Tô sempre falando de você lá em casa.

Wesley arregalou os olhos.

— Sério?

— Claro. Você é praticamente parte da família já — respondeu Roger, rindo, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

No dia marcado, Wesley colocou sua melhor camisa, ensaiou sorrisos diante do espelho e seguiu até a casa de Roger, no bairro vizinho.

Lá, foi recebido com abraços quentes.

Dona Lurdinha, a mãe de Roger, era uma mulher de voz alta e sorriso fácil. A avó, Dona Francisca, era uma senhorinha de olhos vivos e língua afiada, que logo de cara perguntou:

— E aí, moço bonito, já casou?

Wesley corou, Roger gargalhou. E então, foi acolhido.

Conversaram sobre tudo: música, literatura, histórias de infância.

O tio João, figura divertida, chegou mais tarde, trazendo cerveja e muitas piadas ruins.

Wesley se sentiu parte de algo ali. Pela primeira vez em muito tempo, se sentiu... em casa. E foi aí que a esperança começou a sussurrar mais forte em seu peito.

Será que Roger sentia o mesmo? Será que aquele carinho, aquele cuidado, poderiam um dia se transformar em amor?

No caminho de volta para casa, Wesley olhou para o céu estrelado e fez um pedido silencioso: "Que ele enxergue o que eu sinto."

Mal sabia Wesley que o destino, sempre caprichoso, já preparava as primeiras provas para o que ainda viria a ser a história mais intensa de suas vidas.



Escrever este capítulo foi como mergulhar em uma memória que ainda pulsa, mesmo que o tempo tenha passado. Existe uma ternura difícil de explicar na construção de uma amizade que, aos poucos, vai se moldando em algo

maior — sem pressa, sem declarações, mas cheia de gestos pequenos que dizem tanto.

É curioso como algumas rotinas nascem sem que a gente perceba. Uma mensagem fora de hora, uma visita com uma desculpa qualquer, um pedaço de bolo entregue com um sorriso tímido. E, de repente, percebe-se que aquela pessoa passou a fazer parte dos nossos dias de um jeito que parece sempre ter estado ali.

Foi nesse capítulo que escrevi sobre o acolhimento mais inesperado: ser recebido por uma família que não era minha, mas que me tratou como se fosse. O abraço da mãe, a espontaneidade da avó, as piadas ruins do tio — tudo isso me fez sentir algo raro, quase esquecido. Pela primeira vez em muito tempo, senti que havia um lugar onde eu cabia. Onde eu era bem-vindo, inteiro, do jeito que sou.

Há um trecho do Djavan que sempre me atravessa quando releio essas páginas: “Assim que o dia amanheceu / Lá no mar alto da paixão / Dava pra ver o tempo ruir...” Porque é isso que o afeto verdadeiro faz: dissolve o tempo, desarma as defesas, abre espaço. E, mesmo sem saber ao certo se o sentimento era correspondido, havia uma esperança discreta, mas insistente, batendo no peito. Aquele tipo de esperança que a gente não anuncia, mas que faz um pedido silencioso ao céu.

Talvez essa seja a força mais bonita que experimentei ao escrever — a de traduzir o invisível. O que é dito nos intervalos, nos olhares, nas pequenas escolhas. Porque às vezes, amar é só isso: estar. Mesmo quando tudo o que se deseja é ser visto além da amizade.

Capítulo 5 — A festa surpresa e o coração partido

O mês de julho trouxe consigo um friozinho leve e os dias de céu muito azul em Barra Funda.

Era o mês do aniversário de Roger, e Wesley — sempre atento, sempre dedicado — quis fazer algo especial para retribuir todo o carinho que vinha recebendo.

Uma festa surpresa. Planejou tudo em segredo.

Convidou Dona Lurdinha, Dona Francisca, o tio João e alguns amigos mais próximos de Roger. Comprou balões, decorou a casa com luzinhas improvisadas, encomendou um bolo de chocolate com recheio de brigadeiro — o preferido de Roger — e preparou uma playlist cheia das músicas que os dois costumavam ouvir juntos.

Wesley estava animado. Talvez animado demais. No fundo, ele sabia que esperava mais do que a felicidade de Roger. Esperava, quem sabe, um sinal. Um gesto que dissesse: "Eu também."

No dia da festa, Wesley passou a tarde inteira organizando cada detalhe. A casa ficou perfumada de bolo recém-saído do forno e esperança.

Os convidados chegaram aos poucos, enchendo o lugar de risadas e conversas animadas. Faltava apenas o mais importante: Roger.

A campainha tocou. O coração de Wesley quase saltou pela boca. Ele correu para a porta, ajeitou o cabelo rapidamente, abriu um sorriso enorme e girou a maçaneta.

Mas o que viu do outro lado congelou o sorriso em seu rosto. Roger estava lá. De mãos dadas com uma garota loira, alta, de olhos claros e sorriso perfeito.

— Wesley, essa é a Letícia — disse Roger, despreocupado, como se apresentasse a coisa mais natural do mundo.

Letícia soltou uma risadinha e estendeu a mão:

— Muito prazer! O Roger fala tanto de você!

Wesley demorou um segundo a mais para reagir. Apertou a mão dela mecanicamente, sentindo o chão fugir debaixo de seus pés.

Ao redor, as luzes piscavam, a música tocava, as vozes vibravam — mas para Wesley, tudo parecia distante, abafado, como se ele estivesse assistindo à própria vida de fora. Engoliu a dor como pôde, forçou um sorriso e conduziu o casal para dentro, enquanto a alma gritava silenciosamente.

A noite continuou, de algum modo. Roger ria, Letícia brilhava ao seu lado, e Wesley... Wesley fingia.

Fingiu estar feliz. Fingiu que não doía. Fingiu que seu coração não estava sendo triturado a cada olhar, a cada gesto de carinho trocado entre eles.

Quando finalmente a última pessoa foi embora, Wesley apagou as luzes da casa, se encostou na porta e deixou que as lágrimas caíssem livres.

Era amor, sim. Mas, como sempre, não era recíproco.

E naquela madrugada gelada, Wesley entendeu que amar, às vezes, também era saber se afastar. Era proteger o pouco que sobrava de si.

O nó entre eles — que parecia tão forte — agora tremia, prestes a se desfazer. E pela primeira vez, Wesley sentiu que talvez nunca devesse ter esperado tanto.



Este capítulo me atravessa como um vento frio que chega de repente, mesmo sob um céu azul. Ao escrevê-lo, voltei a um daqueles momentos em que a vida parece nos pregar uma peça — daquelas que a gente não ensaia, mas precisa encenar

mesmo assim, com a dignidade possível.

Era aniversário dele, e eu quis retribuir. Não apenas com uma festa, mas com cuidado. Quis retribuir o afeto que vinha se acumulando nos detalhes dos dias. Organizei tudo em silêncio, com uma alegria quase infantil, daquelas que carregam uma esperança escondida — talvez um gesto, talvez um olhar que dissesse o que eu sonhava ouvir sem palavras.

A casa cheirava a bolo e a possibilidades. As luzes, a música, os risos dos convidados... tudo parecia conspirar para um momento bonito. E foi. Por alguns instantes. Até que ele chegou. E não estava sozinho.

Na porta, entre sorrisos e apresentações, entendi que, às vezes, o coração da gente sonha sozinho. Vi tudo desmoronar sem barulho: o cenário da festa, os planos não ditos, a coragem cuidadosamente cultivada. Sorri por fora, porque por dentro não havia espaço para mais nada além do silêncio. Continuei a noite como se fosse apenas o anfitrião — e talvez tenha sido mesmo. Só não consegui mais ser eu.

Foi ali que aprendi uma das lições mais difíceis: amar não é, necessariamente, ser amado de volta. E que, em certos momentos, o maior gesto de amor é se afastar. Proteger o pouco que resta da gente quando tudo dentro já foi entregue.

Esse capítulo é, talvez, o mais dolorido. Mas também o mais honesto. Porque mostra o que há de mais humano em qualquer um de nós: esperar. E seguir mesmo quando aquilo que esperávamos não chega.

Capítulo 6 — Entre saudades e silêncios

Nos dias que seguiram a festa, Wesley mergulhou num silêncio amargo. Evitava a loja de Roger. Ignorava mensagens. Fingia estar ocupado demais para qualquer encontro casual.

Doía. Mais do que ele gostaria de admitir. Passava as noites olhando para o teto, revisitando cada risada, cada olhar, cada momento que agora parecia ter sido só uma ilusão particular. Sentia raiva de si mesmo por ter se permitido sonhar. Sentia raiva de Roger por ter se tornado a materialização de um desejo impossível.

Roger, por outro lado, parecia confuso. Mandava mensagens. Chamava para sair. Tentava, em vão, manter a mesma rotina que tinham antes da festa.

— Saudades das nossas sessões de filme... — ele escreveu, em uma noite qualquer.

Wesley ignorou. O que antes era conforto, agora parecia apenas tortura.

Os meses passaram. Wesley tentava seguir em frente. Jogava-se no trabalho. Aceitava convites para sair com amigos. Fazia cursos, lia compulsivamente. Mas nada preenchia o vazio que Roger havia deixado.

Foi numa tarde nublada de outubro que o inesperado aconteceu. Wesley estava sentado em uma cafeteria, terminando de corrigir algumas provas, quando seu celular vibrou.

Era uma mensagem de Roger. "Posso passar na sua casa hoje?"

Wesley hesitou. O coração bateu mais forte. Sabia que deveria dizer não. Sabia que era arriscado demais abrir aquela porta outra vez.

Mas respondeu:

"Claro."

Horas depois, Roger estava lá, parado na porta de sua casa, com um sorriso meio tímido, meio ansioso. Trouxe dois milkshakes de chocolate, como nos velhos tempos.

— Senti sua falta — disse Roger, entrando.

Conversaram como se nada tivesse acontecido. Falaram sobre trabalho, séries, músicas novas. Riram de memes e lembranças antigas.

E, aos poucos, a distância que Wesley havia imposto começou a desmoronar. Foi no final da noite, quando Roger se preparava para ir embora, que algo mudou.

Roger se aproximou, de repente, invadindo o espaço entre eles. O olhar dele era diferente — carregado de algo que Wesley nunca tinha visto antes.

— Não quero perder você — Roger murmurou, a voz rouca.

Wesley mal teve tempo de responder. De repente, os lábios de Roger estavam nos seus. Um beijo suave, hesitante, cheio de medo e desejo ao mesmo tempo. Um beijo que selava tudo o que as palavras nunca foram capazes de dizer.

Quando se separaram, os dois ficaram parados, ofegantes, encarando-se como se o mundo tivesse mudado para sempre.

Roger sorriu, nervoso:

— Acho que eu tô ferrado, né?

Wesley sorriu de volta, sentindo o coração, pela primeira vez em muito tempo, bater em paz.

— Bem-vindo ao clube.

Naquela noite, adormeceram juntos no sofá, entrelaçados em cobertores e promessas silenciosas. E Wesley, antes tão cheio de medo, permitiu-se, pela primeira vez, sonhar de novo.

Mas, como a vida já havia ensinado... nem todo sonho dura para sempre.



Você já tentou silenciar uma saudade? Já fingiu que não doía, mesmo quando a dor grita em cada gesto que você força a parecer natural? Eu tentei. E, sinceramente, não sei se consegui enganar a mim mesmo.

Depois da festa, fiz o que muita gente faz quando sente demais: me escondi. Me escondi por trás de desculpas, compromissos inventados, conversas evitadas. É fácil desaparecer quando tudo dentro de você parece

implodir. Difícil é calar os pensamentos quando o silêncio se instala feito vizinho barulhento na madrugada.

Você já teve raiva de ter acreditado em olhares? Já se pegou desejando voltar no tempo só para não sentir tanto? Eu tive. E mais de uma vez. Raiva dele, claro — mas, principalmente, de mim. Porque é fácil romantizar quando a realidade nos falta coragem. E eu romântico demais, talvez.

E você? Já preencheu o vazio com trabalho? Cursos? Amigos? Eu tentei todos os caminhos prontos que os manuais de autoajuda sugerem. Mas nenhum deles me devolveu aquilo que só um gesto sincero poderia trazer: um pouco de verdade entre tanta dúvida.

Quando ele reapareceu, não foi com flores ou desculpas. Foi com milkshake. E, estranhamente, isso disse mais do que qualquer declaração. Me pergunto: o que te reconquista? Um pedido de desculpas bem ensaiado ou aquele gesto simples que te lembra quem você era ao lado de alguém?

O beijo veio de repente. E você? Já se viu envolvido num momento que parecia cena de filme, mas com roteiro incerto? Eu sim. E confesso: naquele instante, quis acreditar que o final feliz estava ao nosso alcance. Quis, mesmo sabendo que nem sempre querer é suficiente.

Mas a verdade é que alguns sentimentos não pedem licença. Eles simplesmente entram, bagunçam, e às vezes até reformam a casa por dentro. O amor — ou o que quer que aquilo fosse — não me pediu permissão. Só veio. E ficou. Pelo menos por um tempo.

Hoje me pergunto: quantas vezes a gente se machuca por esperar reciprocidade de quem só soube nos oferecer presença? E mais — quantas vezes confundimos presença com afeto?

Nem todo sonho dura. Mas todo sonho diz algo sobre quem somos. E eu... eu sigo aprendendo a escutar o que os meus tentam me ensinar.

E você, vai continuar fingindo que não sente? Ou já entendeu que se permitir doer também é uma forma de seguir?

Capítulo 7 — A separação de Letícia e o início (conturbado) de um novo "nós"

O beijo que dividiram naquela noite parecia ter aberto uma nova dimensão entre Wesley e Roger. Uma dimensão em que os sentimentos, antes sufocados, agora se insinuavam em cada toque, cada olhar, cada silêncio compartilhado.

No entanto, a realidade era teimosa. E não bastava um beijo para apagar os obstáculos que os cercavam. Letícia ainda existia.

Roger, enredado pela culpa e pela confusão, demorou dias para tomar uma atitude. Continuavam se encontrando — encontros cada vez mais carregados de tensão, de carinho, de vontade. Mas havia sempre aquela sombra pairando sobre eles: a ausência de uma escolha clara.

Wesley, por sua vez, tentava manter a serenidade. Tentava não cobrar, não pressionar. Tentava acreditar que, em breve, Roger encontraria coragem para seguir seu coração.

Até que, numa manhã chuvosa de novembro, Roger apareceu em sua casa, molhado da cabeça aos pés, com os olhos vermelhos e o peito arfando.

— Terminei com a Letícia — disse, sem rodeios, assim que Wesley abriu a porta. Wesley não soube o que dizer. Um misto de alívio e medo tomou conta dele.

Roger entrou, largou o casaco encharcado no chão e, sem pedir permissão, abraçou Wesley com força, como quem se agarrava à única coisa que ainda fazia sentido.

Os primeiros dias após o rompimento foram intensos. Roger parecia querer compensar todo o tempo perdido.

Dormiam juntos. Tomavam café da manhã rindo de besteiras. Assistiam a filmes agarrados no sofá, trocando carinhos tímidos que logo se transformavam em beijos urgentes.

Era como se o universo, finalmente, tivesse se alinhado a favor deles.

Mas as marcas do medo ainda estavam lá, latentes, esperando uma oportunidade para se manifestar. Roger era carinhoso, mas evitava demonstrações públicas de afeto.

Era atencioso, mas hesitava quando Wesley falava sobre "assumirem" algo mais sério. Era apaixonado — Wesley podia sentir — mas travado pelas amarras invisíveis do julgamento alheio.

Certa noite, enquanto caminhavam pela praça da cidade, Roger segurou a mão de Wesley por alguns segundos — e soltou rapidamente ao perceber um conhecido se aproximando.

Wesley fingiu não se importar. Mas doeu.

Em outro momento, ao apresentá-lo a um amigo, Roger disse:

— Esse é o Wesley... um amigo muito especial.

Wesley sorriu educadamente. Mas sentiu como se uma faca invisível perfurasse seu peito.

Apesar de tudo, Wesley tentava entender. Sabia que cada pessoa tem seu próprio tempo para lidar com seus medos. Sabia que, para Roger, assumir aquele sentimento era tão assustador quanto libertador. E Wesley queria ser paciente.

Mas, no fundo, começava a se perguntar: quanto tempo é justo esperar por alguém?

Os "nós" que haviam começado a se formar entre eles agora se enroscavam em dúvidas, inseguranças e expectativas não atendidas.

E, no meio de tudo isso, Wesley se perguntava se amar seria suficiente. Ou se, às vezes, amar também significava saber a hora de partir.



O beijo que trocamos naquela noite parecia ter feito o tempo parar. Como se, por um instante raro, o mundo deixasse de ser barulhento e confuso para dar espaço ao que só nós dois sabíamos sentir. Mas a vida, essa senhora pragmática, não permite que a fantasia dure para sempre. Letícia ainda existia. E com ela, toda a complexidade que Roger se recusava a enfrentar de imediato. Foram dias de encontros abafados por silêncios, de carícias carregadas

de hesitação. Eu tentava me manter sereno. Tentava não pedir o que, no fundo, eu desejava ardentemente: ser escolhido.

E então, numa manhã cinza de novembro, a escolha aconteceu. Roger, encharcado de chuva e de decisão, apareceu na minha porta.

— Terminei com a Letícia — ele disse, como quem finalmente rompe o casulo. Não soube o que responder. Entre o alívio e o medo, permaneci quieto, recebendo seu abraço como quem acolhe um sobrevivente. E talvez fosse isso mesmo: ele havia sobrevivido à própria covardia.

Os dias que se seguiram foram intensos. Ele parecia ansioso por recuperar o tempo perdido — como se fosse possível medir amor com relógio. Deitávamos juntos. Ríamos. Dividíamos o café, o edredom e os sonhos pequenos. Por algumas manhãs, foi possível acreditar que enfim havíamos nos encontrado no mesmo lugar e no mesmo tempo.

Mas feridas não cicatrizam só com ternura. E Roger ainda tinha medo. Medo de ser visto. Medo de se assumir. Medo de dar nome ao que já era evidente.

Um dia, segurou minha mão na praça — por segundos. Logo depois, soltou, ao ver um conhecido. Fingiu naturalidade. Eu fingi também. Mas doeu. Doeu como só doem as coisas que a gente não pode contar em voz alta.

Em outro momento, fui apresentado como “um amigo muito especial”. Uma frase aparentemente

inocente. Mas, para mim, soou como sentença. Eu sorri. Mas por dentro, sangrei.

É difícil se manter inteiro quando o amor insiste em vir pela metade. E mesmo sabendo que cada um tem seu próprio tempo, comecei a me perguntar quantas partes de mim eu estaria disposto a sacrificar em nome de um amor que ainda não sabia se podia se mostrar.

Numa dessas noites em que o coração aperta e a mente sussurra verdades incômodas, lembrei de um verso de Milton Nascimento: “Qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar.” Mas será mesmo que toda maneira vale, quando a gente vai se perdendo de si para continuar encontrando o outro?

Guimarães Rosa escreveu: “O que a vida quer da gente é coragem.” Talvez seja isso que faltava. A ele. A nós. Porque às vezes o amor é cheio de promessas, mas, no fundo, o que a gente tem são escolhas. E aprender a amar também é aprender a aceitar que alguns “nós” se desfazem antes mesmo de virar laço.

Capítulo 8 — A traição silenciosa

O verão se aproximava em Barra Funda, e as ruas ganhavam mais cor, mais vida. Mas, para Wesley, os dias pareciam cinzentos, abafados por uma sensação incômoda que ele não conseguia explicar. Roger havia mudado. Estava mais distante. Respostas rápidas no celular, desculpas esfarrapadas para não se verem. Compromissos de última hora que, misteriosamente, surgiam sempre nos finais de semana.

No começo, Wesley tentou se convencer de que era normal. Talvez Roger estivesse apenas lidando com a própria turbulência interna. Talvez estivesse tentando encontrar equilíbrio depois da separação de Letícia. Mas, no fundo, Wesley sabia. Sabia que havia algo errado.

A confirmação veio da maneira mais cruel.

Uma tarde qualquer, enquanto Wesley fazia compras no centro, cruzou por acaso com um amigo em comum. Depois de conversas triviais sobre trabalho e novidades, o amigo soltou, casualmente:

— Ah, você já conheceu a Maria? Nova namorada do Roger? Estão juntos há uns três meses já!

O mundo de Wesley parou.

Três meses.

Três meses...

Enquanto ele acreditava que Roger ainda estava processando o fim com Letícia...

Enquanto ele alimentava a esperança de que, em algum momento, poderiam construir algo juntos...

Roger já havia, silenciosamente, refeito sua vida — com outra pessoa.

Wesley sorriu amarelo, fingiu naturalidade e terminou a conversa. Mas, assim que se viu sozinho, sentou no primeiro banco que encontrou.

Sentiu a garganta fechar. Sentiu as lágrimas ameaçarem desabar.

Tudo o que ele tinha dado de si — o tempo, o carinho, a paciência — parecia agora ridiculamente inútil.

Ele pensou em mandar uma mensagem. Pensou em ligar, em exigir explicações. Mas não. Dessa vez, ele se respeitaria.

Wesley respirou fundo, enxugou discretamente os olhos, levantou-se e caminhou para longe.

Longe de Roger.

Longe daquela história inacabada.

Longe da esperança que, por tanto tempo, sustentou sozinho.

Decidiu, ali mesmo, que precisava se afastar. Não por orgulho. Não por raiva. Mas porque amar também era entender quando o outro já não escolhia mais ficar.

Nas semanas seguintes, Wesley cortou todo contato. Deletou mensagens, evitou lugares em comum, mergulhou no trabalho e em novos projetos.

E, pouco a pouco, entre recaídas de saudade e ataques de fúria silenciosa, aprendeu a viver sem esperar uma mensagem, um gesto, um sinal.

O tempo passou. Dois anos. Dois longos anos. Dois anos em que Wesley reconstruiu sua vida, seus sonhos, seus próprios "nós" internos. Dois anos em que Roger virou apenas uma lembrança dolorosa que ele tentava, em vão, enterrar.

Mas, como a vida sempre reserva suas surpresas, foi depois de um sonho vívido — em que Roger aparecia, sorrindo da forma como só ele sabia sorrir — que Wesley, num impulso impossível de controlar, pegou o celular e escreveu:

"Oi, moço... Você tem um tempo para tomar um café?"

O que Wesley não sabia era que aquela mensagem, tão pequena, tão simples, estava prestes a reacender uma história que o destino parecia determinado a não encerrar.

Porque alguns nós, por mais que a gente tente desfazer, insistem em permanecer.



Tem coisas que o corpo sente antes da mente aceitar. Uma ausência que pesa, um olhar que desvia, uma desculpa que chega tarde demais. A gente percebe — mesmo sem querer — que algo mudou. Mas demora para admitir. Porque admitir é abrir a porta da dor. É dizer a si mesmo que o outro não está mais ali... mesmo estando.

Você já passou por isso? Já ficou esperando uma mensagem que não veio, uma explicação que não chegou, um gesto mínimo de consideração que nunca aconteceu? É um tipo de traição que não grita. Que não quebra nada por fora. Mas destrói por dentro.

No fundo, o que mais machuca não é o abandono. É o fato de ele ter começado enquanto ainda havia presença. É o descaso sorridente, o beijo que mente, a promessa que distrai. E a gente ali, inteiro, acreditando, tentando, cuidando. Enquanto o outro já estava em outro lugar.

A verdade é que tem partidas que não têm anúncio. A pessoa simplesmente some... mesmo quando continua por perto.

Você que lê isso agora... já sentiu essa dor muda? Essa sensação de estar amando sozinho enquanto o outro finge que ainda está? Não é fraqueza sentir isso. É humano. Amar é humano. Esperar também. E sofrer por

alguém que virou as costas em silêncio é das dores mais difíceis de explicar.

E tudo fica ali, preso no peito: a mágoa que não encontra culpado, a raiva que não sabe para onde ir, a saudade que insiste em lembrar só o que foi bonito. Parece até que a realidade mente — ou pior: que mente só para você.

Como canta Djavan, em um verso que parece escrito com lágrima: “Teus sinais me confundem da cabeça aos pés, mas por dentro eu te devoro.” E é exatamente isso. A dor de quem foi devorado por dentro. Sem barulho. Sem alarde. Só um silêncio amargo, onde antes havia esperança.

Não tem lição aqui. Só o peso de ter amado mais do que se foi amado. E isso... isso dói de um jeito que o tempo não explica. Só quem sentiu, sabe.

Capítulo 9 — A chama que nunca apagou

A mensagem foi enviada. Sem pensar demais, sem planejar o que diria caso recebesse uma resposta. Wesley apenas apertou o "enviar" e deixou seu coração pulsar no peito, inquieto.

Foram horas que pareceram dias.

O celular ficou sobre a mesa, vibrando vez ou outra com outras notificações que ele ignorava. Wesley tentava se distrair, ler, assistir a qualquer coisa, mas sua mente estava presa naquela janela de conversa.

E então, quando a esperança já começava a morrer novamente, a tela do celular se iluminou.

Era Roger.

"Oi, Wes... Eu adoraria."

Simples.

Direto.

E suficiente para fazer o coração de Wesley desandar em batidas rápidas e ansiosas.

Marcaram de se encontrar em um café discreto, no centro da cidade. O mesmo onde, anos atrás, tinham passado tardes rindo de coisas bobas, dividindo pudim e confidências.

Wesley chegou primeiro. Sentou-se em uma mesa no canto, com vista para a porta, como se precisasse ver Roger assim que ele surgisse.

E quando surgiu...

O tempo pareceu parar. Roger estava diferente. Mais magro, as feições um pouco mais duras. O olhar, antes tão cheio de brilho, agora parecia carregar o peso de quem conheceu a dor.

Mas o sorriso...

Ah, o sorriso ainda era o mesmo.

Quando os olhos de Roger encontraram os de Wesley, algo invisível se formou entre eles. Uma conexão antiga, sobrevivente de todos os silêncios, de todas as ausências, de todas as mágoas.

— Oi — disse Roger, sentando-se.

— Oi — respondeu Wesley, com a voz levemente embargada.

Ficaram alguns segundos em silêncio, apenas se olhando, como se estivessem certificando-se de que o outro era real, de que aquilo estava mesmo acontecendo.

A conversa começou tímida, falando sobre o trabalho, a família, a vida. Mas logo as palavras fluíram, como se o tempo não tivesse passado. Entre sorrisos e olhares cúmplices, eles reencontraram aquele espaço seguro que um dia haviam construído.

Wesley queria perguntar tantas coisas. Queria saber dos amores, das dores, dos vazios. Mas se conteve. Talvez, naquele momento, o mais importante fosse apenas estar ali.

Horas depois, do lado de fora do café, sob o céu que já escurecia, Roger hesitou. Parecia querer dizer algo. Parecia lutar contra ele mesmo.

— Eu... eu nunca esqueci você — confessou, finalmente, quase num sussurro.

Wesley sentiu os olhos marejarem. Não respondeu de imediato.

Em vez disso, sorriu com ternura e, sem pensar, tocou a mão de Roger, um toque leve, mas cheio de significado. E Roger não afastou.

Despediram-se com um abraço apertado, daqueles que parecem colar duas almas por dentro. E quando se separaram, Wesley sabia:

A chama nunca tinha se apagado.

Apenas esperava o momento certo para incendiar tudo novamente.

Mas também sabia que, com Roger, o caminho nunca seria fácil. O medo, a culpa, a indecisão ainda estavam lá. E Wesley se perguntou, mais uma vez:

Será que o amor resiste a tantos nós?



Tem encontros que não começam com palavras. Começam com um toque, um olhar, um silêncio que ninguém mais entende — só quem viveu o antes. Quando os olhos se cruzaram, naquele café antigo, eu percebi: tem

histórias que não se apagam com o tempo. Elas apenas se calam. Dormem no fundo da memória até o momento certo de acordar.

Você já reencontrou alguém e sentiu o mundo parar por um segundo? Não por saudade apenas, mas por aquele susto íntimo de perceber que a presença ainda mexe. Que o outro ainda tem o poder de atravessar o peito com um sorriso que o tempo não conseguiu mudar?

Estar ali, frente a frente, depois de tudo, foi como abrir uma gaveta esquecida. A poeira, os cheiros, as lembranças... tudo veio. E, junto, veio o cuidado de não tocar nos espinhos. Porque tem dores que ainda estão ali, adormecidas, e não precisam ser cutucadas para provar que existiram.

Talvez o mais bonito nem tenha sido o que foi dito. Foi o que ficou no ar. A hesitação, a coragem contida, o gesto simples de tocar uma mão — e perceber que o outro não a retirou.

Você já sentiu isso? Essa dúvida que não machuca, mas que pulsa? Esse amor que sobreviveu a tantos cortes, e mesmo assim... ainda queima baixinho, no fundo do peito?

Como canta Maria Bethânia, com a intensidade de quem conhece os labirintos da alma: “Falta deixar claro que apesar de termos cicatrizes, às vezes, a ferida ainda sabe sangrar.”

E talvez seja isso. Não é sobre voltar ou seguir. Não é sobre recomeçar ou encerrar. É só sobre reconhecer que há afetos que não se dissolvem. Que, mesmo depois de tudo, ainda acendem — ainda que a gente não saiba ao certo o que fazer com essa chama.

Capítulo 10 — O medo de amar e a queda que muda destinos

As semanas que se seguiram ao reencontro foram de descobertas, de esperanças tímidas e de um medo que parecia sempre rondar Roger como uma sombra.

Wesley e ele passaram a se ver com frequência novamente.

Um almoço aqui, uma caminhada ali, filmes divididos no sofá, conversas que varavam a madrugada.

Era fácil com Roger.

Sempre fora.

Eles se encaixavam de um jeito que parecia natural, inevitável.

Mas, sempre que Wesley ousava se aproximar um pouco mais, quando os olhares ficavam tempo demais presos um no outro ou as mãos se tocavam sem querer, Roger se retraía.

Havia amor nos gestos, nos sorrisos, no jeito como Roger dizia o nome de Wesley.

Mas havia também medo.

Em uma noite especialmente bonita, a lua cheia iluminando a cidade, estavam sentados na varanda da casa de Wesley. O rádio tocava alguma música antiga e suave.

Wesley olhou para Roger. Tinha vontade de perguntar:

"Do que você tem medo?"

Mas não perguntou. Porque já sabia a resposta.

Roger ainda carregava o peso do que os outros pensariam. Ainda se sentia preso a padrões que não escolheu. Ainda achava que ser feliz ao lado de Wesley era como desafiar o mundo — e ele não sabia se estava pronto para isso.

O tempo passou e, aos poucos, Roger começou a se afastar novamente. Mensagens que antes chegavam de manhã cedo passaram a demorar dias para serem respondidas. Convites para sair eram recusados sob pretextos frágeis.

E Wesley, com o coração apertado, mais uma vez teve que lidar com a dor silenciosa de quem ama sozinho.

Foi numa manhã de domingo, quente e abafada, que a notícia chegou. Um amigo em comum mandou a mensagem:

"Wesley, você soube do Roger? Ele sofreu um acidente de moto ontem à noite."

Wesley congelou. As mãos tremiam enquanto discava para o hospital, para amigos, para qualquer um que pudesse dar uma informação.

Finalmente, conseguiu:

Roger estava vivo, consciente — mas o acidente fora grave.

Muito grave.

Lesões na coluna.

Prognóstico reservado.

Possível paraplegia.

Wesley largou tudo. Entrou no carro e foi até o hospital no Rio, onde Roger tinha sido transferido. Horas depois, estava parado diante da porta do quarto. Respirou fundo, sentindo o coração aos pulos, e bateu levemente.

Quando entrou, viu Roger deitado, pálido, mais magro do que Wesley se lembrava, os olhos cansados — mas vivos.

E ao ver Wesley ali, parado, segurando as lágrimas, Roger sorriu um sorriso triste.

— Você veio... — disse ele, com a voz rouca.

— Claro que vim — respondeu Wesley, aproximando-se, segurando a mão de Roger com todo o cuidado do mundo.

Naquele instante, Wesley soube:

Não importava o que acontecesse a partir dali. Ele ficaria. Porque amor de verdade não se mede em passos dados — mas em quem permanece mesmo quando o chão desaparece.

A partir daquele momento, a vida de ambos mudaria para sempre. E talvez, na dor, Roger finalmente descobrisse o que era amar sem medo.



Tem histórias que parecem pedir silêncio, não final. Porque há amores que não terminam — apenas se ferem na curva da vida. E, às vezes, é o corpo que cai para que o coração finalmente desperte.

Eu me lembro do momento exato em que segurei aquela mão tão conhecida, agora frágil sobre os lençóis de hospital. Não havia mais o que perguntar. Nem o que cobrar. Tudo que ainda existia ali cabia no toque, naquele olhar que dizia: você veio mesmo?

Você já esteve assim, parado diante de alguém que te quebrou sem querer, e mesmo assim... você ficou?

Não há respostas fáceis quando o amor esbarra no medo. Quando a gente se dá inteiro e o outro recua não por desamor, mas por não saber como amar fora da caixa que o mundo colocou ao redor dele. E dói — porque a ausência que vem do medo fere como se fosse rejeição. Mas não é.

Ali, com Roger machucado, vulnerável, sem fuga possível, o tempo pareceu devolver tudo ao lugar. A máscara caiu. O orgulho também. E o que sobrou foi o que sempre esteve: o sentimento nu. É duro admitir, mas às vezes a gente só aprende o que é amor quando tudo desaba. Você já reparou nisso? Que há pessoas que só entendem o valor de um abraço quando ele é a única coisa que lhes resta?

Como canta Cássia Eller, numa dessas verdades que a gente sente na pele: “Por enquanto estamos vivendo e o tempo está passando... e a gente se acostuma.” Mas nem todo costume é amor. E nem todo amor resiste ao costume. Algumas quedas não são punições — são chamados. Despertam o que estava escondido, escancaram sentimentos que a covardia tentou apagar. Eu vi isso nos olhos dele. Pela primeira vez, talvez, ele amou sem barreiras. E doeu. Porque amar sem defesa é sempre arriscado. Mas é o único jeito de amar de verdade.

E, no fundo, talvez o amor sempre tenha sido isso: escolher ficar mesmo quando não há mais chão. E não porque somos mártires — mas porque, às vezes, só quem ficou sabe o que é ser abrigo.

Capítulo 11 — Um amor que renasce das cinzas

Os dias no hospital eram todos iguais, e ao mesmo tempo, totalmente diferentes.

Roger lutava para aceitar sua nova condição. Paraplégico, dependente, cheio de dúvidas e inseguranças.

O orgulho que sempre carregou como uma armadura agora parecia apenas um peso difícil de sustentar. Mas havia Wesley.

Wesley, que chegava cedo, trazia café e palavras leves. Que ria das coisas bobas para quebrar o clima tenso. Que segurava a mão dele na fisioterapia, mesmo quando Roger gemia de dor. Que ajeitava o travesseiro, que lia em voz alta, que inventava histórias para fazê-lo sorrir.

Nos primeiros dias, Roger tentou afastá-lo.

— Você não precisa fazer isso... — dizia, com a voz amarga, olhando para o teto.

Mas Wesley apenas sorria e respondia:

— Eu não estou aqui por precisar. Estou aqui porque quero.

E ficava.

Sempre ficava.

As semanas viraram meses.

Roger saiu do hospital e voltou para casa, agora adaptada às suas novas necessidades.

E Wesley continuava lá. Firme. Presente.

Um dia, no fim de uma tarde dourada, sentados na varanda da casa de Roger, algo mudou.

Roger observava Wesley em silêncio, enquanto ele falava sobre um novo livro que estava lendo.

O sol refletia nos cabelos de Wesley, iluminando seu rosto com uma suavidade quase mágica. E então Roger sentiu.

Sentiu como se algo dentro dele, que estava trancado há anos, finalmente se rompesse.

Um nó se desfez.

Uma trava caiu.

— Wes... — disse, interrompendo-o de repente.

Wesley olhou para ele, curioso.

Roger hesitou, mas, impulsionado por uma coragem que vinha da dor e da superação, continuou:

— Eu te amo.

As palavras saíram trêmulas, frágeis, mas verdadeiras.

Wesley ficou em silêncio por um segundo que pareceu infinito.

Então sorriu — um sorriso tão cheio de amor que fez Roger sentir algo que há muito não sentia: esperança.

Wesley se aproximou devagar, respeitando o tempo, o espaço.

Abaixou-se na altura do rosto de Roger.

E, com delicadeza infinita, encostou seus lábios nos dele.

Um beijo leve, terno, cheio de promessas.

Um beijo que dizia tudo o que as palavras jamais conseguiriam expressar.

Ali, naquela varanda simples, entre rodas de cadeira, livros espalhados e cheiro de café, Roger entendeu:

O verdadeiro amor não exige perfeições.

O verdadeiro amor é quem fica quando o mundo desaba.

É quem transforma dor em coragem.

É quem segura a tua mão quando você não consegue nem se levantar.

E ele finalmente, enfim, decidiu viver aquilo.

Sem medo.

Sem vergonha.

Sem voltas.

E naquele abraço longo, sob o céu que já se pintava de estrelas, Wesley e Roger selaram o começo de uma nova história.

Uma história deles.

Sem idas.

Sem vindas.

Só nós.



Esse capítulo foi difícil de escrever.

Difícil porque fala de um amor que não é perfeito, nem cinematográfico. Fala de um amor que resiste à dor, à dúvida, à cadeira de rodas, ao orgulho ferido. E, principalmente, ao medo. Enquanto escrevia sobre Roger reaprendendo a viver — agora com outra realidade, outro corpo, outra dor — eu me peguei pensando em como, às vezes, a vida parece nos arrancar tudo. Mas também em como, nesses vazios, é que descobrimos quem realmente fica.

Conhece aquela frase que diz "é sobre quem te abraça no frio, mesmo se o cobertor for pequeno"? Então... Wesley é isso. Ele é esse abraço. Esse café de manhã cedo. Essa história inventada só pra arrancar um sorriso de quem já não sabe mais como sorrir.

E eu fico me perguntando: será que a gente sabe reconhecer esse tipo de amor quando aparece? Porque Roger demorou. Muito. E talvez você, lendo aí, também já tenha demorado. Talvez esteja demorando agora. Talvez esteja se afastando de alguém só porque o medo grita mais alto que a coragem.

Mas o amor verdadeiro — esse que não precisa de holofotes nem de promessas fáceis — ele não bate à porta exigindo lugar.

Ele senta do lado.

Segura a tua mão.

E fica.

Mesmo quando você diz pra ir embora.

Esse capítulo é sobre recomeço. Sobre dizer "eu te amo" com a voz tremendo, mas o coração firme. É sobre entender que o amor só renasce das cinzas quando a gente para de apagar o fogo com desculpas.

E agora eu te pergunto: Se você fosse o Roger... teria coragem de viver esse amor?

Ou ainda deixaria o medo decidir por você?

Pensa com carinho.

Porque às vezes, o que a gente mais precisa não é de alguém que nos salve. É de alguém que nos veja — mesmo quando a gente acha que desapareceu.

Capítulo 12 — Reaprendendo a caminhar juntos

Amar não é apenas encontrar; é construir. E era isso que Roger e Wesley agora faziam — tijolo por tijolo.

A rotina deles se reinventava todos os dias. Pequenas vitórias eram comemoradas como grandes conquistas:

Roger conseguindo manobrar a cadeira sozinho;

Roger subindo a rampa da entrada sem ajuda;

Roger aprendendo que sua vida continuava — e que ele ainda era digno de amor.

Wesley estava ali para cada batalha, grande ou pequena. Com paciência infinita e um amor que parecia crescer a cada novo desafio.

Eles adaptaram a casa, adaptaram os passeios, adaptaram os sonhos.

Wesley o levava para parques, para cafés tranquilos, para sessões de cinema alternativo — onde as poltronas eram removíveis para a cadeira de rodas.

Nada era igual antes. E, paradoxalmente, tudo era mais bonito.

Em uma tarde fria de julho, Roger — que antes odiava frio — pediu para irem à praia.

Wesley achou estranho, mas aceitou. Levaram uma cadeira especial, feita para andar na areia. Levaram chocolate quente num cantil improvisado.

Sentaram-se diante do mar, o vento cortando o rosto, e ficaram em silêncio, vendo as ondas quebrarem lá na frente.

Foi Roger quem quebrou o silêncio:

— Eu achei que a vida tinha acabado pra mim... — disse, a voz rouca. — E então você apareceu. De novo.

Wesley virou o rosto para ele, os olhos úmidos.

Roger continuou:

— Você nunca desistiu de mim. Nem quando eu mesmo já tinha desistido.

Wesley sorriu, colocando a mão sobre a dele.

— Eu sabia que ainda tinha muito de você pra viver. E eu queria... queria viver junto.

Roger respirou fundo, olhando para o horizonte.

— Eu tenho medo, Wes. Medo de não ser suficiente pra você. Medo de ser um peso. Medo de você se cansar.

Wesley apertou a mão dele com firmeza.

— Então deixa eu te contar um segredo — disse, a voz cheia de emoção. — Amar você é fácil. É tão fácil quanto respirar.

Roger fechou os olhos, deixando uma lágrima solitária escorrer pela face.

Era a primeira vez, em muito tempo, que ele chorava sem sentir vergonha.

Naquela praia vazia, no frio do inverno, eles se beijaram novamente. Um beijo mais profundo, mais maduro, cheio da certeza de quem sabe: o amor não exige que sejamos perfeitos. O amor apenas pede que sejamos inteiros.

E naquela tarde cinzenta, eles prometeram — sem palavras — caminhar lado a lado, tropeçando, levantando, aprendendo.

Juntos.

Para sempre.



Ao escrever este capítulo, o que mais me tocou foi o processo de reconstrução. O amor de Roger e Wesley não é mais apenas um sentimento, mas uma construção diária. Eles não estão apenas amando, mas aprendendo a viver juntos em uma nova realidade, na qual cada pequena vitória se torna uma grande conquista.

Isso me fez refletir sobre como, muitas vezes, em nossas próprias vidas, o amor não é uma experiência única ou mágica que acontece em um instante. Ele é algo que vai sendo moldado e fortalecido ao longo do tempo, por meio das escolhas diárias, dos gestos de carinho e de apoio mútuo, principalmente nas horas de dificuldade.

Parece até contraditório: a vida de Roger, que antes parecia limitada pelas dificuldades emocionais e sociais, agora se torna mais rica e cheia de significado, mesmo com as limitações físicas. A percepção dele de que sua vida não havia acabado, mas que ele ainda tinha muito a viver, é uma verdade que muitos de nós esquecemos em meio às adversidades. Quantas vezes, diante de um

obstáculo, nos fechamos para o mundo e pensamos que nossos sonhos acabaram? A história deles nos ensina a olhar para o futuro com mais esperança, sabendo que as mudanças, mesmo as dolorosas, podem nos levar a lugares mais bonitos e significativos.

E é nesse ponto que me veio à mente a música "Ainda Bem" de Marisa Monte, em que ela canta: "Ainda bem que você chegou, ainda bem que me encontrou...". Essa música traz uma emoção simples, mas poderosa. O amor de Wesley por Roger, que nunca desistiu dele, é isso: uma certeza tranquila, uma presença que se faz necessária, um "ainda bem que você apareceu". Quando Roger diz a Wesley: "Você nunca desistiu de mim, nem quando eu mesmo já tinha desistido", isso me lembrou que muitas vezes o amor se faz presente exatamente nos momentos em que mais precisamos, mesmo quando achamos que não temos nada mais a oferecer.

Ao longo da história, vemos Roger lidando com o medo de ser um fardo, com a insegurança de não ser suficiente. Isso é algo com o qual todos nós, em algum momento, nos identificamos, não é? Quem nunca se perguntou se seria capaz de corresponder ao amor de alguém, ou se o outro se cansaria? Mas, no fim, o que Wesley diz a Roger é simples e tão profundo: "Amar você é fácil. É tão fácil quanto respirar." E isso me fez pensar em como, muitas vezes, o amor verdadeiro não exige perfeição. Ele não está naquilo que somos ou deixamos de ser. O amor está no simples ato de ser inteiro, de estar

presente, de caminhar juntos, mesmo quando o caminho não é fácil.

E você, leitor, já parou para pensar sobre isso? Já se permitiu ser amado dessa forma? Sem cobranças, sem pressões, apenas pela beleza de existir e estar junto? O que eu desejo te passar com este capítulo é que, por mais que a vida nos desafie e nos teste, o amor verdadeiro é aquele que continua, que cresce, que se reinventa. E, assim como Roger e Wesley, talvez possamos encontrar força em nós mesmos para, ao invés de desistir, construir, dia após dia, um amor mais forte, mais bonito e mais verdadeiro.

No final, o que fica é a promessa silenciosa de caminhar juntos. Não importa se o caminho é longo ou árduo. O importante é saber que não estamos sozinhos, e que, no fim das contas, amar e ser amado é a maior recompensa que podemos encontrar.

Capítulo 13 — Amor é quando a alma reconhece o lar

O tempo foi passando, e com ele, os dias difíceis continuavam aparecendo. Nem sempre Roger estava bem. Havia dias em que a frustração o engolia, dias em que ele se sentia pequeno, inútil, pesado demais.

Mas Wesley estava lá.

Com paciência.

Com doçura.

Com amor.

Uma noite, depois de um desses dias em que o mundo parecia grande e cruel demais, Roger se fechou em seu quarto e não quis sair.

Não quis jantar.

Não quis conversar.

Não quis sequer existir.

Wesley, sentado do lado de fora da porta, esperou.

Sem pressionar.

Apenas ficando.

Como quem diz: "Quando você estiver pronto, eu ainda estarei aqui."

Horas depois, Roger abriu a porta. Ele não disse nada. Apenas olhou para Wesley, com os olhos vermelhos de tanto chorar. E então, sem aviso, desabou no peito dele.

Chorou como há muito tempo não chorava.

Chorou o luto da vida antiga.

Chorou a dor das perdas, dos sonhos interrompidos, da solidão que achava que nunca seria preenchida.

E Wesley o abraçou.

Abraçou com todo o amor que carregava no peito.

Abraçou como quem segura um vaso quebrado, com a esperança de reconstruí-lo.

Depois de muito tempo, Roger sussurrou, com a voz falha:

— Você podia ter escolhido outra pessoa... Alguém inteiro... Alguém que caminhasse ao seu lado... Não alguém que depende de uma cadeira de rodas.

Wesley afastou-se o suficiente para olhar nos olhos dele e respondeu:

— Eu escolhi o seu coração, Roger.

E ele sempre foi inteiro pra mim. Sempre.

Roger fechou os olhos, sentindo uma paz que nunca imaginou possível.

Porque amar é isso: não é encontrar o perfeito.

É reconhecer a alma do outro como lar.

Naquela noite, eles dormiram abraçados, sem medo, sem reservas. Como quem entende que o amor verdadeiro não se assusta com as cicatrizes, mas as beija com reverência.

O amor, afinal, é para os corajosos.

E eles eram.

Cada um, à sua maneira, tinha vencido tantas batalhas. Agora, podiam enfim viver o que mereciam:

um amor inteiro, firme e doce, capaz de resistir às tempestades.

E se o mundo lá fora ainda os julgasse, ainda apontasse dedos, ainda cochichasse às escondidas...

eles não se importavam mais.

Porque dentro daquele abraço, dentro daquele "nós", o mundo era, finalmente, perfeito.



Ao escrever este capítulo, senti que tocava uma das fibras mais profundas da alma humana: o desejo de ser acolhido, mesmo (e principalmente) nos nossos dias mais sombrios. Roger, ao se fechar em seu quarto,

representa todos nós quando estamos no limite da dor — quando não queremos falar, nem ouvir, nem comer, nem existir. E Wesley, do lado de fora da porta, em silêncio, esperando com paciência, é a personificação do amor maduro. Aquele que não invade, que não cobra, que apenas permanece.

Esse trecho me fez lembrar da canção "Pra Você Guardei o Amor", de Nando Reis, quando ele canta: "Pra você guardei o amor que nunca soube dar, o amor que tive e vi sem me deixar...". Essa música carrega exatamente a essência do que quis transmitir aqui: o amor que não tenta consertar o outro, mas que se oferece como espaço de acolhimento, como um lar onde a alma cansada pode descansar.

O que me emociona nesse capítulo é a vulnerabilidade de Roger. Quando ele se questiona se

Wesley não mereceria alguém "inteiro", ele dá voz a uma insegurança que muitos de nós carregamos: a ideia de que só somos dignos de amor quando estamos "bem", "fortes", "autossuficientes". Mas o que Wesley responde desconstrói tudo isso — com uma força mansa que só os corações valentes conhecem: “Eu escolhi o seu coração. E ele sempre foi inteiro pra mim.”

Querido leitor, talvez você já tenha se sentido como Roger. Talvez tenha se trancado, chorado sozinho, ou acreditado que ninguém poderia amar você assim, com todas as suas rachaduras. Mas o amor verdadeiro, como esse que Roger e Wesley constroem, não exige que sejamos perfeitos. Ele apenas pede presença, coragem e entrega.

E eu te pergunto: você já encontrou um amor assim? Ou já foi esse tipo de amor para alguém? O amor que permanece quando o outro se fecha, o amor que segura o vaso com esperança de reconstruí-lo?

Escrevendo este capítulo, eu queria que você sentisse esse abraço também. Que, ao ler cada linha, percebesse que o amor não é para os dias de sol — é para os dias de tempestade. Que amar é ter a ousadia de dizer: "Mesmo que o mundo te faça acreditar que você está quebrado, eu ainda escolho você."

E se o mundo lá fora ainda julgar, cochichar, zombar — que julgue. Porque, dentro do abraço certo, o mundo silencia. E o amor, finalmente, faz sentido.

Capítulo 14 — Quando o amor vence o medo

O dia da Feira Literária de Barra Funda chegou com o céu azul estendido como um abraço. Era o primeiro evento grande que Roger ia enfrentar desde o acidente.

Wesley era um dos convidados para uma palestra sobre literatura e resistência.

Roger, de calça jeans, camiseta preta e um sorriso nervoso, o acompanhava, as rodas da cadeira deslizando sobre as ruas de paralelepípedo.

No caminho, Roger hesitou.

— Eu não sei se quero ir... — murmurou, a voz trêmula.

Wesley parou, agachou-se ao lado da cadeira e segurou seu rosto com as duas mãos.

— Você é lindo. Você é forte. Você é o amor da minha vida. — disse, olhando-o nos olhos. — Vamos viver essa história juntos?

Roger respirou fundo.

Sentiu o medo apertar o peito.

Mas, ao olhar para Wesley, encontrou a coragem que julgava ter perdido.

Ele assentiu.

— Vamos.

A feira estava cheia de barracas coloridas, crianças correndo, música ao fundo.

Os olhares curiosos vinham — alguns disfarçados, outros não. Roger sentia cada um deles como uma flecha. Mas Wesley andava ao seu lado com tanta naturalidade, tanta alegria, que aos poucos a vergonha foi se dissolvendo como gelo no sol.

Eles visitaram tendas de livros, experimentaram brigadeiros artesanais e até participaram de um quiz literário improvisado.

Roger respondeu certo sobre "Dom Casmurro" e ganhou um chaveiro de máquina de escrever — que imediatamente pendurou na bolsa da cadeira.

Na hora da palestra, Wesley subiu ao pequeno palco montado no centro da praça.

Roger ficou na primeira fila, bem na frente, o coração disparado.

Wesley falou de livros, falou de resistência. Mas, perto do fim, sua voz mudou.

Ele olhou para a plateia e disse:

— Há resistências que não estão nos livros, mas nas vidas que escolhemos viver.

Amar, em um mundo que muitas vezes nos quer silenciados, também é um ato de coragem.

E então, sem pensar duas vezes, Wesley desceu do palco.

Caminhou até Roger, ajoelhou-se novamente ao seu lado e, diante de todos, disse:

— Eu te amo, Roger. Com todas as minhas forças.

O mundo parou.

Por um segundo, parecia que o vento segurava a respiração.

Roger, com os olhos marejados, sorriu daquele jeito que só ele tinha e respondeu, alto, sem medo:

— Eu te amo também, Wes.

A praça explodiu em aplausos. Não era uma história comum que todos presenciavam.

Era um amor corajoso. Um amor que resistiu. Um amor que escolheu florescer.

Depois daquele dia, nada mais foi como antes.

Roger e Wesley aprenderam que o amor, quando vivido de verdade, arrasta os medos, derruba as paredes e constrói pontes.

Era a vida, finalmente, os abraçando de volta.

E eles estavam prontos para vivê-la.

Juntos.

Sempre.



Ao chegar ao fim desta história, quero me sentar com você, leitor, e conversar com o coração aberto — como se estivéssemos lado a lado, respirando a mesma emoção que preencheu cada linha deste último capítulo.

Escrevê-lo foi como abrir uma janela e deixar entrar toda a luz que o amor verdadeiro pode oferecer.

Neste capítulo, quis mostrar que o amor não precisa de plateia para ser grandioso, mas quando é vivido com

coragem, ele transforma qualquer espaço em um palco de esperança. A cena da Feira Literária, com Wesley ajoelhado diante de Roger, não é sobre romantismo fácil — é sobre resistência. Sobre a escolha diária de se mostrar inteiro, mesmo diante do medo.

Me veio à mente, enquanto escrevia, a voz suave e cheia de verdade de Milton Nascimento, quando canta: "Qualquer maneira de amor vale a pena / Qualquer maneira de amor vale amar." Essa música, "Paula e Bebeto", parece sussurrar exatamente o que Roger e Wesley vivem: a certeza de que amar, com todas as suas dores e delícias, sempre vale a pena.

Roger, ali, sentado na primeira fila, com o coração acelerado e o passado pesado nos ombros, representa tantas pessoas que já duvidaram do próprio valor. Já sentiu isso? Aquela vontade de se esconder, de não ir, de não ser visto? Eu já. E talvez você também.

Mas Wesley representa algo ainda mais raro: o amor que encoraja. O amor que não se contenta em existir no segredo. O amor que se levanta e diz, diante de todos: "Eu te amo. Sem medo."

Esse capítulo é, acima de tudo, um convite. Um convite para que a gente ame mais. Para que a gente atravesse as feiras literárias da vida com coragem, mesmo quando tudo em nós pede para voltar para casa. É um lembrete de que a vida não espera a gente estar pronto — ela só precisa que a gente diga sim.

Então, me diga: qual medo seu o amor pode vencer hoje?

Fecho este livro com o coração em chamas, porque acredito que toda história de amor corajosa deixa rastros no mundo. E se, de alguma forma, Roger e Wesley tocaram sua alma — que você também escolha viver seu amor com verdade, com presença e, principalmente, com coragem.

Porque, no fim das contas, é isso que somos: histórias. E que bom quando podemos contar a nossa assim — de mãos dadas, olhos nos olhos, e o peito aberto para o que vier.

E talvez você esteja curioso para saber como estamos hoje. Pois é... não estamos. Parte desta história — sobretudo o final — é uma adaptação, um sopro de esperança costurado com as linhas do que vivi, do que sonhei, e do que ainda guardo. Roger, esse amor imenso que me atravessou, ainda está aqui — não ao meu lado, mas dentro de mim, morando em cada lembrança, em cada gesto, em cada frase que escrevi com o coração aberto. Esta história demorou anos para ser finalizada. Talvez porque, no fundo, eu esperasse que a vida me ajudasse a escrever um desfecho diferente. Mas chegou o momento de interromper esse ciclo e dar um final feliz — ainda que apenas nas páginas deste livro.

E se me perguntam se estou bem, se sou feliz, eu respondo: sim, sou. Porque o amor verdadeiro não se mede pela presença constante, mas pela marca que deixa. E Roger me deixou amor — um amor tão imenso que transbordou em palavras, que virou literatura, que se fez abrigo. Esta história é, acima de tudo, uma declaração: de

que o amor vale, mesmo quando não dura; de que amar é sempre maior do que ter; de que escrever pode ser também uma forma de continuar amando, com ternura, com gratidão e com coragem.

E assim chegamos ao "fim". Mas, veja bem... não é o fim. Porque histórias como essa — feitas de amor, de coragem, de recomeços — não terminam. Elas continuam nos silêncios, nas lembranças, nos olhares que ainda esperam, nos abraços que ainda fazem falta. Continuam em cada leitor que se reconhece, que sonha, que sente.

Então não, este não é o fim.

É só uma pausa com reticências.

É só uma última página que sussurra: "ainda há muito por viver."

Alguns nós nos prendem.
Outros nos unem para sempre.

Nesta história, Wesley, um professor de literatura que ainda carrega as marcas de um amor passado, conhece Roger, um jovem que, sem perceber, vai desatar dores antigas e amarrar novos sonhos em sua vida.

Entre encontros e desencontros, entre silêncios e esperanças, os dois constroem uma história feita de laços frágeis, mas também de nós firmes — daqueles que a gente não desamarra, mesmo quando a vida tenta.

Entre idas, vindas e nós é um romance sobre o poder do amor verdadeiro, aquele que não se desfaz com o tempo, que resiste ao medo, à distância e às incertezas.

Porque alguns nós, mais do que prender, ensinam a gente a permanecer.